

# PRÁTICAS JUVENIS E PATRIMÔNIO – DESLOCAMENTOS DAS NOTAS DE RODAPÉ DE UMA PESQUISA

Angelica Silvana Pereira<sup>1</sup>

## RESUMO

Neste artigo pretende-se colocar em relevo algumas conexões entre práticas juvenis no *Parque da Redenção*, em Porto Alegre (RS) e a categoria patrimônio. Entende-se que as discussões sobre patrimônio como gênero discursivo realizadas pela Antropologia são potentes para pensar o parque enquanto Patrimônio Histórico e Cultural da cidade e como território de sociabilidades, expressividades e transgressões de jovens. A partir da revisitação de materiais de uma pesquisa que analisou práticas culturais juvenis no referido Parque, busca-se deslocar informações presentes nas notas de rodapé acerca do seu caráter patrimonial, trazendo-as para o centro da discussão.

## PALAVRAS-CHAVE

Práticas juvenis; Patrimônio; *Parque da Redenção*.

## *YOUNG PRACTICES AND HERITAGE SITES – DISPLACEMENT OF RESEARCH FOOTNOTES*

## ABSTRACT

This paper aims to highlight some connections between inheritance and young practices in the *Parque da Redenção* at *Porto Alegre (RS)*. We understand that anthropologic discussions about heritage as a discourse genre are useful for taking the park as a heritage site and cultural heritage of the town and space for young sociability, expression and transgression. By reviewing materials from a piece of research analysing young cultural practices in that park, we seek to displace information about heritage character in footnotes, bringing them to the centre of discussion.

## KEYWORDS

Young practices; Heritage; *Parque da Redenção*.

## *PRATIQUES JUVENILES ET PATRIMOINE – DEPLACEMENTS DE NOTES DE PIED DE PAGE D'UNE RECHERCHE*

## RÉSUMÉ

Dans cet article, on prétend mettre en relief quelques liens entre la catégorie patrimoine et les pratiques juvéniles dans le *Parque da Redenção* à Porto Alegre (RS). On comprend que les discussions sur le patrimoine en tant que genre discursif entreprises par Antropologie sont puissantes pour penser le parc en tant que Patrimoine Historique et Culturel de la ville et comme territoire de sociabilités, d'expressivités et de transgression des jeunes. A partir de la révisitation des matériaux d'une recherche qui a analysé des pratiques

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), professora do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Integrante do ALTERITAS - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Diferença, Arte e Educação (UFSC) e do GPEJUV - Grupo de Pesquisa Juventudes, Culturas e Formação (CEDU-UFAL).

culturelles juvéniles dans le parc cité, on cherche déplacer des informations présentes dans les notes de pied de page sur son caractère patrimonial, en les menant au centre du débat.

### **MOTS-CLÉS**

Pratiques juvéniles; Patrimoine; *Parque da Redenção*.

### ***PRÁCTICAS JUVENILES Y PATRIMONIO – TRASLADO DE LAS NOTAS A PIE DE PÁGINA DE UNA INVESTIGACIÓN***

### **RESUMEN**

Este artículo pretende destacar algunas conexiones entre la categoría patrimonio y las prácticas juveniles en el *Parque da Redenção*, en *Porto Alegre (RS)*. Entendemos que las discusiones sobre el patrimonio como género discursivo realizadas por la Antropología son importantes para pensar en el parque como Patrimonio Histórico y Cultural de la ciudad y como territorio de sociabilidad, expresividad y transgresión de los jóvenes. Con base en la revisión de materiales de una investigación que analizó las prácticas culturales de los jóvenes en ese parque, son retomadas las informaciones presentes en las notas al pie de página sobre su carácter patrimonial, trasladándolas al centro de la discusión.

### **PALABRAS CLAVE**

Prácticas juveniles. Patrimonio. *Parque da Redenção*.

## UM INÍCIO DE CONVERSA

Durante minhas investigações de mestrado e de doutorado, dediquei-me a analisar práticas juvenis na cena urbana de Porto Alegre (RS). A pesquisa de doutorado, mais especificamente, teve como foco os encontros de centenas de jovens aos domingos à tarde no Parque da Redenção, localizado na zona central da cidade, com o objetivo de analisar suas práticas de transgressão e/ou performativas, tomando-as como pistas para compreender a experiência de ser jovem na contemporaneidade. A pesquisa situada no campo da Educação considerou pertencimentos e práticas juvenis como fundamentais nos processos de constituição desses sujeitos, a partir de referências identitárias e dos diferentes repertórios culturais dos grupos que se encontram naquele espaço-tempo.

Os anos de pesquisa possibilitaram-me transitar em pontos específicos do parque, transformados em territórios de expressividades juvenis, demarcados por corpos e por práticas capazes de causar fraturas na tradicional compreensão de juventude. Estas práticas envolvem os investimentos corporais realizados pelos/as jovens para estar entre seus pares, gostos e consumos musicais, experimentações afetivas e sexuais, consumos de drogas tais como bebidas alcólicas, cigarros, loló<sup>2</sup> e maconha, sendo as duas últimas consideradas ilícitas. São práticas que atuam nas construções coletivas dos/as jovens e também na produção de si, transformando-se em importantes vias em que se fundem e se tornam visíveis suas identidades e subjetividades, ao mesmo tempo em que constroem e conferem outros sentidos ao parque.

Algum tempo depois, motivada por discussões sobre patrimônio cultural realizadas pela Antropologia, em especial pela noção de patrimônio como um gênero discursivo desenvolvida por José Reginaldo Gonçalves (2005; 2007) senti-me instigada a revisitar materiais da pesquisa para pensar sobre as práticas de sociabilidade dos/as jovens no Parque da Redenção enquanto Patrimônio Histórico e Cultural da cidade.

Notei, então, que nas cenas juvenis do parque coexistia a linguagem dos palácios e a linguagem das praças públicas, conforme a metáfora usada pelo autor para referir-se às estratégias narrativas da monumentalidade e do cotidiano que constituem as disputas discursivas sobre patrimônio. Percebi também a potência existente nas informações

---

<sup>2</sup> O loló é uma droga geralmente composta a base de álcool etílico, benzina, clorofórmio e éter, aplicado numa peça tecido e inalado pelo nariz ou pela boca. Para muitos, trata-se de uma droga inofensiva devido à ausência de estudos conclusivos que comprovam dependência ou problemas colaterais mais sérios. No Brasil, o loló foi proibido devido aos casos de parada cardíaca após seu uso, principalmente quando feito em grande quantidade.

complementares presentes em algumas notas de rodapé da referida pesquisa, no intuito de situar leitores/as sobre o parque, seus aspectos históricos e seus monumentos.

Este artigo tem como objetivo deslocar estas informações 'acessórias' para o corpo do texto, a fim de pensar as relações dos/as jovens *com* e *no* parque, na sua condição de patrimônio. Minha intenção é a de realizar interlocuções entre esta categoria e as práticas de sociabilidade dos/as jovens que fizeram corpo à minha pesquisa, como um exercício de olhar para uma nova possibilidade interpretativa.

Também lançarei mão de materiais provenientes de incursões realizadas durante o período de estudos sobre patrimônio, por ocasião da disciplina *Culturas Populares e Patrimônio*, cursada no Curso de Especialização em Antropologia pela Universidade Federal de Alagoas. Sendo assim, o artigo apresentará fragmentos de conversas transcritas e fotografias referentes à pesquisa e ao retorno ao campo dois anos após a sua conclusão, a fim de observá-lo [também] com as lentes do patrimônio.

## ENTRE A MONUMENTALIDADE E O COTIDIANO, O PALÁCIO E PRAÇA...

Os/as jovens que se apropriam de algumas zonas do parque aos domingos à tarde colocam em evidência modos de ser/estar que escapam à ordem normalizadora da cidade. Gritos, gargalhadas, desfile de corpos carregados de símbolos de pertencimentos grupais, experimentações afetivas e/ou sexuais são algumas das sociabilidades praticadas que colocam em evidência a linguagem das praças públicas, desafiando normas e prescrições sociais.

A partir de Pais (1990) e Dayrell (2007), compreendo sociabilidades juvenis como práticas de interação e redes de relações que os/as jovens constroem em distintos espaços e tempos sociais, não apenas no âmbito das instituições, mas também nas vivências e experiências tidas como 'informais', principalmente nos espaços e tempos de lazer, como é o caso do Parque da Redenção. Assim, as sociabilidades juvenis parecem responder às "necessidades de comunicação, de solidariedade, de democracia, de autonomia, de trocas afetivas e, principalmente, de identidade" (DAYRELL, 2007, p. 1111) entre os/as jovens, e estão fortemente implicadas com os modos como habitam, mesmo efemeramente, tempos e espaços diversos.

Nessa direção, Margulis e Urresti (1998) destacam que nas cidades contemporâneas as juventudes são plurais e se manifestam num panorama cultural sumamente variado e móvel, que abarca seus comportamentos, referências identitárias, linguagens e formas de sociabilidade. Feixa (1998) observa que desde o pós-guerra a emergência da juventude tem (re)definido mapas das cidades, de seus espaços e de seus tempos. Por meio de ações ou

práticas coletivas, jovens redefinem os usos e os sentidos de espaços urbanos, às vezes esquecidos, transformando-os em seus territórios.

Desde as duas últimas décadas do século XX, as grandes cidades têm tido pontos ou regiões totalmente ocupadas por jovens em busca de amizade, pertencimentos, diversão e visibilidade, compondo fluxos e aglomerações em espaços como praças e parques. Assim como em tantos outros territórios juvenis, por vezes os encontros domingueiros dos/as jovens no Parque da Redenção envolvem práticas que parecem dissonantes das formas como ele é narrado na grande maioria dos espaços e em artefatos convencionais, tais como em materiais midiáticos, textos literários e acadêmicos, entre outros.

A breve definição feita por um historiador sobre o Parque da Redenção parece traduzir o que muitos de seus frequentadores pensam e sentem: “A Redenção é um desses músculos a bombear seiva vital para as artérias urbanas e a respirar com cada habitante da cidade” (AXT; SCLIAR, 2011, p. 35). Fazendo uso das palavras de Gonzaga (2011, p. 15), podemos dizer que

“Ali, [...], todos nós, um dia, pelo menos um dia, passeamos, caminhamos como atletas, corremos, namoramos, trocamos carinhos, fotografamos, filmamos, nos deitamos na relva, mastigamos talos de capim, contemplamos o céu, [...], fizemos piquenique, [...], comemos algodão doce, pipoca, amendoim torrado, ouvimos sinetas do Instituto de Educação, do Colégio Militar e da antiga faculdade de Filosofia da UFRGS, assistimos a um *show* no Araújo Vianna, e sentados sob as sombras infinitas das árvores pensamos na vida, na amizade, no amor, no emprego e no sentido das coisas, porque este parque está no centro geográfico da cidade, no coração da cidade e no nosso coração, não há quem dele não tenha uma lembrança, uma história, uma saudade, uma alegria, sentimentos que podem ser recuperados pela memória íntima de cada habitante de Porto Alegre [...]”.

Trata-se de um parque que é vivido de formas múltiplas pelos/as moradores/as da cidade e que é pouco (re)conhecido como Parque Farroupilha, seu nome oficial. Tombado em 1997 como Patrimônio Histórico e Cultural de Porto Alegre, o Parque da Redenção, ou simplesmente a Redenção, configura-se numa referência geográfica e afetiva cuja história confunde-se com a história da própria cidade e também com histórias de vida particulares de parte dos habitantes da cidade.

Ele se situa entre duas grandes avenidas que atravessam vários bairros, interligando a capital a algumas cidades metropolitanas. De um lado está a Avenida João Pessoa, limite do bairro Cidade Baixa; de outro a Avenida Osvaldo Aranha, parte do bairro Bom Fim. Assim, o parque foi constituindo-se num espaço de trânsito entre estes dois bairros reconhecidos como os mais boêmios e transgressores da cidade, devido a grande quantidade de bares, festas e espaços de diversão que reúnem pessoas nas ruas e nas calçadas. O parque é composto por aproximadamente cinquenta monumentos, espaços esportivos, praças infantis, um lago, um chafariz, um parque de diversões, um mercado público pequeno,

árvores diversas, jardins, equipamentos como bancos e banheiros e pelo anfiteatro Araújo Vianna.

Pode-se dizer que ele é um dos centros da metrópole por onde circulam milhares de pessoas, principalmente aos finais de semana, quando lá acontecem duas importantes feiras: aos sábados, a feira ecológica e de artesanatos, e aos domingos, o *Brique da Redenção*, feira que mistura artesanatos, peças de arte, antiguidades, alimentos e performances de artistas de rua.

Essa identidade de parque passou por um processo de construção que acompanhou a história oficial de Porto Alegre. Axt e Scliar (2011) observam que a Várzea – como fora chamado inicialmente – não era um parque no sentido que conhecemos hoje, e sim, uma zona da cidade em construção que oferecia uma área livre útil para os exercícios militares. Mais tarde esta área foi batizada como Campos do Bom Fim, em homenagem à igreja Nosso Senhor do Bom Fim que lá se instalou.

Uma parte da literatura existente nos conta que no período escravagista a região do parque era conhecida entre as pessoas escravizadas como “Redenção” por ter se tornado um território para suas práticas religiosas às escondidas, já que elas eram proibidas. Essa zona passou a ser um importante cenário das lutas políticas do movimento abolicionista e, no final do século XIX, recebeu oficialmente da Câmara Municipal o nome de Campos da Redenção.

Entretanto, na década de 1930, os Campos da Redenção transformam-se em Parque Farroupilha, por ocasião da Exposição Comemorativa do Centenário da Revolução Farroupilha<sup>3</sup>, em 1935. Começa, assim, o reconhecimento e a legitimação do parque como uma zona militarizada, como expressa seu nome oficial mais recente: Parque Farroupilha.

Tais construções em torno do nome do parque remetem à ideia de patrimônio como uma categoria que, a partir do século XVIII, passou a ser comumente acionada para referir-se aos processos de formação dos Estados Nacionais. Desse modo, os processos de patrimonialização estão imbricados com construções de identidades nacionais e regionais, e são tidos como “bem comum” (JEUDY, 1990), cuja função está ancorada numa lógica de conservação de normas e ideais.

Assim, elas supõem uma representação da história de um povo ou de um grupo, preocupadas em preservar determinadas verdades históricas, as quais geralmente são contadas numa ótica colonialista e raramente são pautadas nas memórias coletivas ou em

---

<sup>3</sup> A também chamada Guerra dos Farrapos teve como frente de batalha os negros e os povos indígenas numa disputa política liderada por fazendeiros e latifundiários contra as autoridades imperiais que durou dez anos (1835-1845), em prol da redução de impostos do sal grosso e do charque produzidos no sul Brasil. É o evento histórico mais comemorado no Rio Grande do Sul e o mais acionado nas alusões à identidade gaúcha, apesar de não ter se configurado numa vitória.

narrativas menores<sup>4</sup>, ou seja, narrativas que brotam do cotidiano, das brechas institucionais. São, portanto, as grandes narrativas que sustentaram [e ainda sustentam] boa parte dos processos de patrimonialização, na direção da monumentalidade.

Gonçalves (2005, p. 142) observa que

“[...] “patrimônios culturais” não são simplesmente uma coleção de objetos e estruturas materiais existindo por si mesmas, mas que são, na verdade, discursivamente constituídos. Os objetos que identificamos e preservamos enquanto “patrimônio cultural” de uma nação ou de um grupo social qualquer, não existem enquanto tal senão a partir do momento em que assim os classificamos em nossos discursos”.

Podemos pensar, portanto, que o nome oficial do parque é um indicativo da sobreposição de um conjunto de discursos que evocam a bravura, a força, a luta, a coragem, as vitórias do povo gaúcho, atributos estes que foram reiterados e reificados por meio da distribuição dos monumentos no interior do parque, entre os quais muitos são homenagens a personagens militares tidos como modelos de liderança, de dedicação à pátria e ao povo gaúcho. Neste sentido, o processo de patrimonialização do parque é uma forma não somente de manter viva uma identidade nacional e uma identidade regional, mas é, sobretudo, uma forma produzi-las.

Nas discussões sobre patrimônio cultural, Gonçalves (2005;2007) argumenta que os discursos sobre patrimônio articulam narrativas referentes à história de uma coletividade, seus heróis, os acontecimentos marcantes, os lugares e os objetos, cabendo a estes narradores falar em nome de uma coletividade cuja identidade e memória serão representadas pelo patrimônio, nesse caso, o Parque da Redenção.

Apesar de não ser usualmente chamada pelo seu nome oficial pela grande maioria da população, a Redenção é reconhecida não somente enquanto ícone afetivo, mas também como símbolo histórico do povo. Ao chegar em setembro, mês comemorativo da Revolução Farroupilha, a identidade gaúcha é extremamente acionada e inflada. Isso nos leva a pensar que o não uso do seu nome oficial – Parque Farroupilha – pouco ou nada tem a ver com um exercício crítico frente aos discursos das grandes narrativas históricas; assim como a adoção do nome popular – Parque da Redenção – não expressa, necessariamente, (re)conhecimento histórico das lutas abolicionistas. De qualquer modo, parece-me que ainda que o parque seja um espaço vivo e vivido por seus/as frequentadores/as e/ou visitantes, num jogo de forças, os discursos que mais fazem sentido são os oficiais, atrelados a grande história.

---

<sup>4</sup> O sentido da expressão “narrativas menores” neste texto está baseado no conceito de *literatura menor* desenvolvido por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2003) para analisar a literatura de Franz Kafka, um escritor tcheco e judeu que escreveu em alemão devido a ocupação alemã na sua região. Para eles, “uma literatura menor não pertence a uma língua menor, mas, antes, a língua que uma minoria constrói numa língua maior” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 38). Da mesma forma, uma narrativa menor é aquela forjada no interior de um conjunto de discursos oficiais, geralmente com narrativas pautadas em versões históricas generalizantes e colonialistas.

Na esteira de Gonçalves (2005; 2007), pode-se pensar, então, na noção de patrimônio enquanto discursos que são produzidos e que são postos em circulação de diferentes maneiras e em variadas instâncias sociais, favorecendo compreensões do patrimônio para além dos objetos e estruturas materiais. O que passa a ter uma posição central aqui é *o que se diz e como se fala* sobre eles. Assim, os “objetos [e lugares] que identificamos e preservamos enquanto ‘patrimônio cultural’ (grifos do autor) de uma nação ou de um grupo social qualquer, não existem enquanto tal senão a partir do momento que assim os classificamos em nossos discursos” (GONÇALVES, 2007, p. 142).

## O PARQUE COMO ZONA DE CONTATO

Ao mesmo tempo em que estes olhares para o parque com as lentes do patrimônio nos permitem identificar sobreposições dos discursos oficiais, os quais adquirem um *status* de verdade histórica sobre o parque, sobre a cidade e o seu povo, em sua relação com a cidade a Redenção tem também o caráter de espaço praticado. Para Certeau (1994), o espaço como um lugar praticado não é estável. É contingente, composto por cruzamentos móveis que são desencadeados por conjuntos de movimentos que nele acontecem.

Trazendo novamente para esta discussão as práticas de sociabilidades juvenis tidas como destoantes, acredito que a noção de *zona de contato* tão cara à Antropologia se torna extremamente útil e profícua para pensar o parque enquanto patrimônio e espaço praticado por estes/as jovens, fazendo coexistir os discursos “do palácio” e dos discursos da “praça pública”.

De acordo com Gonçalves (2005, p. 142),

“Nenhum gênero de discurso é uma entidade coerente, como todo discurso está dividido contra si mesmo e, ao mesmo tempo, dialogando com vários outros, os discursos do patrimônio, na medida em que pretendem representar uma sociedade nacional, abrem-se para outros grupos e categorias sociais, constituindo-se “zonas de contato” entre diversos gêneros de discurso. Por exemplo, entre o palácio e a praça pública, podendo esse contato se configurar de maneira mais ou menos intensa, mais ou menos policiada, permitindo maiores ou menores transgressões nas linhas de demarcação entre um e outro espaço”.

Devido ao grande fluxo de pessoas que lá transitam, ele torna-se um *locus* propício para as performances dos jovens, que recortam o espaço e o tempo, ocupando alguns de seus recantos a partir da metade das tardes de domingos – dia da semana em que a Redenção reúne seu maior público – transformando-a numa “festa aberta pra todo mundo”<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Expressão extraída de uma das conversas realizadas com um jovem.



Figura 01 – Na Redenção.



**Fonte:** Acervo da pesquisadora.

Por meio da performatividade de seus corpos modificados, tatuados, perfurados por *piercings*, com vestimentas específicas – geralmente pretas –, investidos de muitas outras marcas identitárias, somados a gestos, linguagens, namoros etc, os/as jovens chamam atenção para si.

As práticas de sociabilidades para muitos deles passam pelos modos como se vestem, montam-se para ir ao parque, pelo consumo de drogas lícitas e ilícitas, pela *ficação* ou *pegação*, expressões utilizadas para referir-se a um ‘ficar’ extremamente efêmero entre pessoas do mesmo gênero, do gênero oposto e não binárias, que pode ocorrer com um ou vários parceiros num mesmo dia ou ao mesmo tempo.

Para muitos/as jovens, o parque favorece a exibição, a publicização de si numa sensação que oscila entre o *ver e ser visto* e o anonimato. Ao mesmo tempo em que estão ali para serem vistos, geralmente não podem ser chamados pelo nome, por serem ‘desconhecidos’ diante dos ‘normais’ frequentadores do parque. Perante os olhos da cidade, são, simplesmente ‘*os jovens de preto*’, expressão esta que, não raras vezes, vem seguida de algum atributo: *bêbados, gays* [no sentido de xingamento], *demoníacos, perdidos, sem família, sem educação* etc.

Neste sentido, parece pertinente olhar para estas práticas juvenis no parque como uma possibilidade de conhecer e refletir como estes se relacionam com os regimes de verdade dos nossos tempos, tentando entender de que maneiras experienciam o conjunto de conhecimentos e de normas sociais que regem suas vidas. Entre eles, estão os conhecimentos históricos das grandes narrativas que dão ancoragem aos discursos sobre patrimônio.

A partir das contribuições de Foucault (2009), compreendemos que algumas verdades funcionam como formas de regular e controlar a vida em todas as suas dimensões e estão circularmente ligadas aos sistemas de poder, que a produzem e a apoiam. Junto com elas, funde-se um conjunto de valores e regras propostas ou imputadas aos indivíduos, por intermédio de “aparelhos prescritivos”, como a família, as instituições educativas, a igreja. Foucault observa que muitas vezes essas regras e valores são visivelmente formulados em uma doutrina coerente, em um ensinamento explícito. Em outras, podem ser transmitidas de maneira difusa, sem formar um conjunto sistemático, constituindo-se em um jogo complexo de elementos que entre si podem compensar-se, corrigir-se e anular-se, favorecendo compromissos [com as normas] ou escapatórias. Ao ocupar o parque, muitos imaginam estar distantes de algumas formas de controle das normas sociais, o que lhes autoriza a determinadas práticas, tais como o consumo de drogas lícitas e ilícitas.

De fato, ruas e parques são espaços menos institucionais que a família, a igreja, a escola, mas ainda assim, estão submetidos a conjuntos de normas e de verdades que tentam organizar a vida social, principalmente quando este espaço se configura num patrimônio que reverencia o exercício militar.

## O ARCO E SEUS ENTORNOS

O Arco, modo como os/as jovens referem-se ao Monumento do Expedicionário, é um dos seus principais pontos de encontro aos domingos. Ele é a ‘porta de entrada principal’ do Parque da Redenção. A obra é de autoria o escultor Antônio Caringi, inaugurada em 1953, representando um duplo Arco do Triunfo com esculturas em relevo que homenageiam os pracinhas da Segunda Guerra Mundial, como se pode observar nas imagens que seguem.

**Figura 02 – Monumento do Expedicionário.**



**Fonte:** Acervo da autora.

**Figura 03 – Esculturas em relevo.**

**Fonte:** Acervo da autora.

Cabe registrar que além do Monumento do Expedicionário, existem também dezenas de outros em cobre e mármore. Transitando por zonas internas do parque, encontram-se nestes monumentos sinais da efêmera *ocupação* dos jovens. Observando a fotografia a seguir, vê-se que uma parte do monumento foi retirado. O busto extraído do mármore – provavelmente furtado por alguém –, deu lugar aos traços juvenis, os quais passaram a ser monumento. São marcas identitárias juvenis que acabam conferindo também ao parque outras identidades.

**Figura 04 – Escrituras juvenis.**

**Fonte:** Acervo da autora.

Em pouco tempo, o parque torna-se outro... os /as jovens tornam-se outros/as jovens... O parque parece um grande corpo modificado ao abrigar muitos outros corpos adornados, carregados de símbolos e sinais de identidade. Tal qual os corpos jovens que o ocupam, a partir de um determinado horário, o parque é 'vestido' de outras cores, outros acessórios, mostrando outras possibilidades de se configurar parque (PEREIRA, 2011; 2020). A aglomeração juvenil que lá se desenha tem um efeito visual que rompe com a continuidade imagética e com as configurações antes da chegada dos jovens.

**Figura 05 – Jovens na Redenção.**



**Fonte:** Acervo da autora.

**Figura 06 – Jovens na escultura.**



**Fonte:** Acervo da autora.

Para além daquilo que pode ser visível, por meio do olfato é possível identificar a presença dos jovens, pois os cheiros de cigarro, cerveja, álcool e em alguns pontos, o cheiro de maconha, sinalizam que eles estão próximos. Também é possível identificá-la por meio da



mistura de conversas, gritos, músicas cantadas/gritadas ao toque de violão, gírias, expressões rápidas, risos, gargalhadas...

São as variações do vocabulário e da entonação que distinguem os discursos formais e oficiais dos *palácios* em contato com os discursos informais, populares e até mesmo indóceis das *praças públicas* (GONÇALVES, 2005). O riso alto, os gritos, as gírias, os namoros, as irreverências e tantas outras práticas dos/as jovens coexistem com os registros de honraria militar, que zelam pela ordem, pela moral.

Fica evidente, portanto, que os grupos juvenis se movimentam numa *zona militarizada*, entre alguns ícones institucionais. Dentre eles, pode-se citar o Colégio Militar, uma espécie de catedral do conservadorismo brasileiro por onde passaram os principais chefes do regime militar do país<sup>6</sup>; um quartel localizado no mesmo prédio: o Monumento do Expedicionário, construído como honraria militar aos brasileiros da Segunda Guerra Mundial e um posto da Polícia Militar. Na figura 06, identifica-se o busto em homenagem a Duque de Caxias, patrono do exército militar, uma parte do Monumento do Expedicionário e a cúpula do prédio centenário onde estão instalados o Colégio Militar e o Quartel.

O cinturão institucional que foi construído em torno do parque é composto também por duas igrejas, por parte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e por quatro escolas, dentre elas o Instituto de Educação General Flores da Cunha, uma das escolas estaduais mais antigas.

Além disso, ele é o cenário habitual das cerimônias e de exposições militares, como acontece geralmente na segunda quinzena de agosto em homenagem ao Dia do Soldado. Nestas ocasiões, a região do parque habitualmente ocupada pelos/as jovens é tomada pelos arsenais militares expostos para visitação pública. De um lado do monumento, a Banda da Brigada Militar apresentava-se e era prestigiada por um público significativo, ao mesmo tempo em que, do outro lado, grupos de jovens seguiam com suas práticas de sociabilidade, como se vê nas imagens que seguem.

---

<sup>6</sup> Os generais Costa e Silva, Emilio Médici, Ernesto Geisel e João Batista Figueiredo tiveram parte de sua formação militar neste estabelecimento centenário. Atualmente o Colégio Militar não se restringe a uma escola para os militares. O ingresso de estudantes acontece mediante seleção pública e suas vagas são bastante concorridas por ser visto pelo público em geral como uma instituição de qualidade, tanto do ponto de vista do conhecimento, quanto da disciplina.

Figura 07 – Vista da frente das comemorações militares no parque.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 08 – Vista da parte de traz do monumento durante as comemorações militares.



Fonte: Acervo da autora

As cenas juvenis no parque deflagram certa permeabilidade do caráter totalizante da monumentalidade. Para Gonçalves (2007), o patrimônio pensado nessa lógica lida com personagens e acontecimentos absolutos. O passado é um todo acabado, linear, perfeito “e se comunica com o presente apenas através da ‘tradição’” (p. 150). Nem os personagens, nem os acontecimentos são pensados pelo viés das contingências.

Nos discursos da monumentalidade, o passado será sempre superior ao presente e as relações estabelecidas entre eles são mediadas pela tradição. Nesse sentido, a tradição, por meio das lembranças do passado, passa a ser uma condição para a civilidade. Assim, “o

conjunto de bens que são classificados como 'patrimônio' representam precisamente essa 'tradição', vinculando os brasileiros de ontem e de hoje" (GONÇALVES, 2007, p. 150). Nas palavras do autor

"Existem, nessa narrativa do cotidiano, tantos passados, e conseqüentemente, tantas memórias, quantos são os grupos sociais. Tomando-se como ponto de partida o presente, o passado será sobretudo uma "referência" a ser pragmaticamente utilizada no processo de produção cultural e na garantia da continuidade da trajetória histórica da nação" (GONÇALVES, 2005, p. 154).

Ironia ou não, no caso do parque, o mais imponente dos monumentos acaba se transformando num espaço onde conservadorismo e transgressão, hierarquias e irreverências se 'encontram'. É quando o patrimônio vivido se inscreve no registro do cotidiano que o jogo de sobreposições discursivas precisa abrir alas para os discursos da praça pública. Durante todo o processo de pesquisa de campo, nenhum jovem atribuiu importância ao parque no sentido do patrimônio.

*Aqui é meu reduto antitédio. Minha mulher sempre me fala: ah, tu vais pro parquinho brincar, vou te dar uma pazinha, um baldinho... Mas é assim, aqui é a praia dos roqueiros, entendeu? É a praia dos roqueiros, só que não tem mar, né! O mar é só o mar de gente que tu vê! É isso! Mais nada. (Beto Ramone, 2007).*

*Deixa eu gravar uma coisa aí... Eu venho aqui pro Arco [referindo-se ao Monumento do expedicionário] todo domingo faz mais de quatro anos. Venho pra curtir com a galera, pra curtir com os amigos. Beber, conhecer gente nova, conhecer novas bandas de rock. O lugar onde eu tenho mais amigos é aqui no Arco. Eu chego no Arco já com mão levantada pra cumprimentar todo mundo. Não posso botar a mão no meu bolso porque sempre tem um amigo meu que vai vir me cumprimentar (Jovem, 2008)<sup>7</sup>.*

*Pro pessoal do rock, a partir de 2003 mais ou menos, virou um ponto de encontro. Tem muito roqueiro aqui. Todo mundo se encontra aqui (Bruna, 2013).*

Embora tenham alguma notícia sobre a história do parque e de poucos dos seus monumentos, as motivações para frequentarem-no aos domingos estão relacionadas aos laços de amizade, aos pertencimentos e afinidades musicais, às experimentações de sexualidade e às possibilidades de diversão acessíveis. Falam dos aspectos históricos somente quando provocados por mim.

*Eu não venho aqui por ser um monumento, ou porque é patrimônio. Eu venho aqui pra ver meus amigos. Todo mundo vem pra cá, é um ponto de encontro (Jovem não identificado, 2013).*

*Eu sei que isso daqui era um posto militar e que o Colégio Militar era dono da Redenção. Uma vez me mostraram que tem umas ossadas aqui, não sei tu já ouviste falar... É desse pessoal que tem os nomes aí [aponta para nomes entalhados no monumento dos pracinhas mortos na Guerra]. Mas eu só sei isso. E quando eu venho aqui, não tem nada a ver com essa parte. É mais o sentimento, o lado público, popular dele. Muitas das coisas que acontecem, é aqui (Jovem não identificado, 2013).*

*Eu não conheço a história, mas sinto muita força nele [referindo-se ao Monumento do Expedicionário]. É um ponto de encontro que carrega uma história. É importante, eu sei. O*

---

<sup>7</sup> Forma de identificação escolhida pelo jovem que proferiu esta fala.

*exército tá aqui hoje. De uns quatro meses pra cá o exército anda mais simpático. A banda está tocando como forma de aproximação. Mas isso é tudo o que eu sei (Mirna, 2013).*

O patrimônio, na perspectiva do cotidiano, torna o presente tão ou mais importante que o passado. E o passado, por sua vez, é relativizado, pluralizado, multiplicado por muitas narrativas. Como tem sublinhado Gonçalves (2007, p. 152), “A nação deixa de ser totalidade homogênea representada por um patrimônio narrado no registro da monumentalidade”, abrindo espaços para a heterogeneidade como aspecto definidor dos grupos sociais.

## PARA FINALIZAR

Tomando a categoria patrimônio como uma chave de análise e de discussão acerca das práticas juvenis no parque, pude constatar que ela não se constitui num referencial relevante nos discursos proferidos pelos/as jovens sobre suas apropriações daquele espaço. Os sentidos atribuídos por eles/as ao parque se inscrevem nas narrativas do cotidiano e estão muito mais relacionados aos significados de suas práticas do que às narrativas da monumentalidade.

Apesar disso, não é possível dissociar destas práticas de significação juvenis que o parque, enquanto patrimônio, oferece condições que possibilitam habitá-lo daquele modo. Paradoxalmente, é também a partir dos discursos da monumentalidade que o parque se torna território para práticas juvenis diversas.

Neste sentido, a categoria patrimônio me parece um operador central na construção da identidade do parque como lugar possível para os encontros juvenis, tanto que é ele, e não outros grandes parques, praças e vias públicas existentes na cidade, o território de maior visibilidade de grupos juvenis e de suas práticas. A Redenção congrega uma série de atributos e de significados capazes de torná-la uma *zona de contato*, onde coexistem as narrativas do cotidiano e da monumentalidade. Ela reúne um conjunto de elementos que tem essa força, como refere a jovem Mirna em sua fala. Assim, em consonância com Gonçalves (2007), acredito que o patrimônio é uma categoria do pensamento que nos ajuda a compreender as relações sociais, as identidades dos grupos e dos espaços e as relações de força nelas implicadas. As práticas juvenis movimentam *narrativas menores* sobre o parque que nos permitem vê-lo e reconhecê-lo na sua pluralidade.

## REFERÊNCIAS

AXT, Gunter; SCLIAR, Moacyr. **Parque Farroupilha/Redenção: histórias de Porto Alegre**. Porto Alegre: Paiol, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 – Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.



DAYRELL, Juarez. A escola faz as juventudes? Reflexões em torno das socializações juvenis. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em agosto de 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Kafka** – Para uma literatura menor. Lisboa: Assirio e Alvim, 2003.

FEIXA, C. La ciudad invisible: territorios de las culturas juveniles. In: CUBIDES, H. J.; TOSCANO, M. C. L.; VALDERRAMA, C. E. H., (Eds.). **Viviendo a toda**: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades. Fundación Universidad Central, Santafé de Bogotá: Paidós, 1998. p. 83-109.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2009.

GONÇALVES, José Reginaldo. Ressonâncias, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônio. **Horizontes Antropológicos**, v. 11, n. 23, p. 15-36, Porto Alegre, 2005.

GONÇALVES, José Reginaldo. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. IPHAN/DEMU, 2007, Brasília.

GONZAGA, Sergius Antônio Marciano. In: AXT, Gunter; SCLIAR, Moacyr. **Parque Farroupilha/Redenção**: histórias de Porto Alegre. Porto Alegre: Paiol, 2011. p. 15.

JEUDY, Henri Pierre. **Memória social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

MARGULIS, Mário; URRESTI, Marcelo. La construcción social de la condición de juventud. In: CUBIDES, Humberto J.; TOSCANO, María Cristina L.; VALDERRAMA, Carlos Eduardo H., (Eds.). **Viviendo a toda**: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades. Fundación Universidad Central, Santafé de Bogotá: Paidós, 1998. p. 3-21.

PAIS, José Machado. Lazer e sociabilidades juvenis – um ensaio de análise etnográfica. **Análise Social**, v. XXV, n. 108-109, Lisboa- Portugal, p. 591-644, 1990.

PEREIRA, Angelica S. Um bom lugar pra se querer.: Experimentações afetivas e sexuais de jovens na cena urbana de Porto Alegre. In: GARBIN, Elisabete Maria; PRATES, Daniela Medeiros de Azevedo (Orgs). **Juventudes contemporâneas**: Emergências, convergências e dispersões [recurso digital]. Porto Alegre: Cirkula, 2020. p. 325-342.

PEREIRA, Angélica S. **Domingo no Parque**: Notas sobre a experiência de ser jovem na contemporaneidade. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

Recebido em 1 de fevereiro de 2021.  
Aprovado em 05 de agosto de 2021.